

Paul Freeman 93

Rev. Brasil. Biol., 8(2): 247-254
Agosto, 1948 - Rio de Janeiro, D.F.

“MYCETOPHILIDAE” DO BRASIL (Diptera, Nemocera)¹

J. LANE

Faculdade de Higiene e Saúde Pública, S. Paulo

(Com 15 figuras no texto)

Neste trabalho descrevemos quatro espécies novas provenientes de alguns Estados do Brasil. Damos dados zoogeográficos de outras já descritas e elegemos o alótipo de *Cluzobra fascipennis* Edwards, 1940.

De grande interesse é a descoberta de uma espécie pertencente ao gênero *Manota* pois, segundo nos consta, este gênero conta com apenas uma espécie (*Manota defecta* Williston, 1896) descrita de uma série de seis exemplares. JOHANNSEN (1909) quando fez a revisão desta família, incluiu outra espécie fóssil neste gênero (*Cerato longipalpis* Meunier, 1904). Tal gênero, mais tarde foi segregado na subfamília *Manotinae*.

Manota apresenta característicos muito primitivos e é um dos mais interessantes gêneros desta família de dípteros.

Desejamos agradecer o material que foi posto à nossa disposição pelos Drs. M. P. BARRETTO, da Faculdade de Medicina da Universidade de S. Paulo e LAURO TRAVASSOS F.^o e ERNESTO X. RABELLO, do Departamento de Zoologia da Secretaria de Agricultura do Estado de S. Paulo. Este trabalho foi ilustrado pelo Sr. E. B. FERRAZ.

MANOTINAE

Manota palpalis n. sp.

(Figs. 1-4)

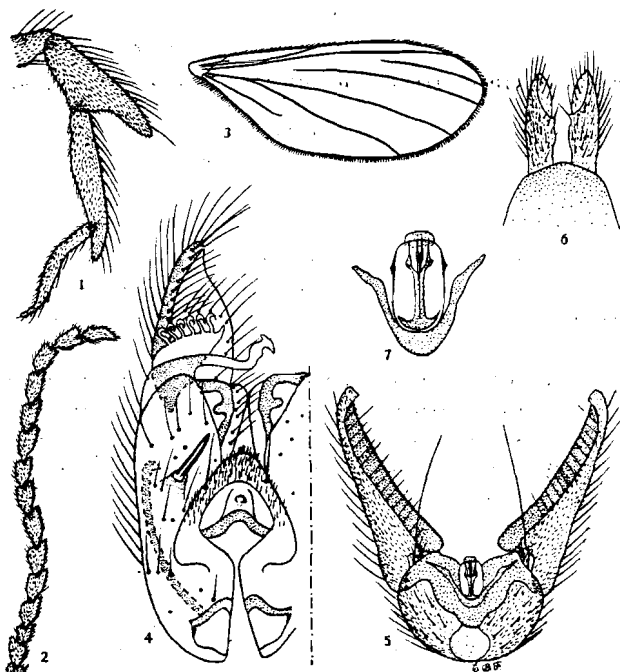
Comprimento do corpo 3 mm.; asa 2 mm.

Macho — Cabeça castanha, quase tão larga quanto o mesonoto. Partes bucais muito reduzidas e com duas lâminas largas e arredondadas que lem-

¹ Recebido para publicação a 16 de Abril de 1948.

Trabalho do Departamento de Parasitologia (Dir. Prof. Dr. P. C. A. Antunes) da Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de S. Paulo, Brasil.

bram o haustelo de *Musca domestica*. Palpo (fig. 1) amarelado e com quatro segmentos, o terceiro inserto pouco além do meio do segundo e o quarto pouco antes do ápice do terceiro. Clipeo cêrca de duas vêzes mais largo que longo, revestido de esparsas mas longas cerdas. Fronte sub-quadrangular,



Manota palpalis n. sp. — Fig. 1: Últimos segmentos do palpo; fig. 2: flagelo; fig. 3: asa; fig. 4: genitália do macho. *Nervijuncta marshalli* n. sp. — Fig. 5: Genitália do macho; fig. 6: nono tergito; fig. 7: mesosoma.

grosseiramente pontilhada e protuberante; revestida de longas cerdas em ângulo reto e que lembram as cerdas frontais dos muscóideos. Olhos grandes e densamente revestidos de pilosidade branca, implantada entre as omatídeas. Ocelos três, o do meio um pouco acima dos laterais e menor, os laterais distantes dos olhos pelo espaço de duas omatídeas. Antena (fig. 2) inserta acima do meio da cabeça, quase duas vêzes o comprimento do tórax, o escapo e toro amarelados bem como os três primeiros segmentos flagelares, os demais enegrecidos; escapo mais longo que o toro, êste ovalado e com cerdas diferenciadas no ápice.

Tórax mais longo que largo, o postnoto quase perpendicular, as pleuras de tal maneira reduzidas que o conjunto é bem mais largo que longo. Me-

sonoto adelgado anteriormente, castanho-escuro, pontilhado, revestido de fina pilosidade. Escutelo mais largo que longo, a margem posterior com três cerdas longas, além de duas um pouco menores. Postnoto pequeno, castanho-claro, glabro. Pleuras reduzidas: pronoto e propleura amarelados, muito unidos e revestidos de curta pilosidade. Demais escleritos pleurais castanhos.

Pernas: Coxas amareladas, mais longas ou do tamanho dos fêmures; a anterior uma e meia vêzes o comprimento do fêmur correspondente, mais larga que as outras e com cerdas diferenciadas na margem posterior. Fêmur anterior amarelo esbranquiçado, delgado, o mediano e o posterior amarelados. Tibias e tarsos escuros. Tibias com a pilosidade disposta em fileiras regulares, as cerdas muito curtas e discretas. Esporões da tibia anterior, um longo e desenvolvido, o outro com aspecto de pequena cerda; os das tibias mediana e posterior dois, desenvolvidos, um, um pouco mais curto que o outro. Os esporões são fortemente espiculosos e terminam em duas ou três pontas.

Asa (fig. 3) densamente revestida de macrotriquias longas e decumbentes, as nervuras M.1, e M.2, incompletas; M.3 ligada a Cu.1 nas proximidades da base da asa. Nervuras cerdas salvo a base de M.2, mais da metade basal de M.3 e Cu.1 que são núas. Balancim com a haste amarelada e com o capitulo castanho-escuro.

Abdômen com os tergitos dorsalmente enegrecidos. Esternitos amarelados e com estreitas faixas apicais enegrecidas.

Genitália (fig. 4): Basistilo com mais de duas vêzes a largura basal e possuindo no meio uma cerda forte e grossa; internamente provido de estruturas diversas e terminadas por cerdas disformes; no ápice com pequenas cerdas diferenciadas e implantadas em uma protuberância. Dististilo com a metade do comprimento do basistilo, adelgado para o ápice, fortemente cerdoso. Mesósoma quase tão largo quanto longo, os filamentos laterais aparentemente cerdosos, no meio existe uma estrutura de formato circular e quase hialina.

Fêmea — Desconhecida.

Tipo — Holótipo macho; registrado sob o n. 7.424, na coleção do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo;

Localidade tipo — Brasil, Estado de Goiás, Corumbá, XI. 1945 (M. P. Barretto col.).

DITOMYIINAE

Rhipidita fusca Edwards, 1940

Temos dois machos que concordam com a descrição original exceto a genitália que é enegrecida e não pálida e as tibias que são amareladas.

Proveniência do material estudado — Brasil, Estado de S. Paulo, Município de Salesópolis, Boracéa, XI. 1947 (Rabello, Travassos F.º & J. Lane col.).

Nervijuncta marshalli n. sp.

(Figs. 5-7)

Acreditamos que seja esta a primeira espécie pertencente à este gênero e encontrada na região Neotropical. Concorde, contudo, com a diagnose genérica apresentada por JOHANNSEN (1909) e os característicos suplementares mencionados por FONNOIR (1929). Embora a nossa espécie tenha os principais característicos deste gênero existem pequenas diferenças secundárias como o comprimento da antena e o formato do abdômen.

Comprimento do corpo 6 mm.; asa 5 mm.

Macho — Cabeça: Clípeo cêra de duas vezes mais largo que longo, amarelado, com esparsa revestimento de cerdas enegrecidas. Fronte muito estreita e amarelada. Olhos grandes, quase unidos logo acima da inserção da antena; revestidos de esparsa pilosidade entre as omatídeas. Ocelos três, sub-iguais, implantados no meio e logo atrás da base da antena, os laterais afastados dos olhos compostos pelo espaço de pouco mais de duas vezes o comprimento de duas omatídeas. Occipício castanho-amarelado, mais escuro no meio, revestido de cerdas enegrecidas. Antena alcançando duas vezes o comprimento do tórax; toro, escapo e base do primeiro segmento flagelar amarelo-claros, o restante bem como os demais segmentos enegrecido; segmentos revestidos de curta pilosidade e, com longas cerdas formando verticilos. Palpo enegrecido, o segundo segmento mais grosso que os demais.

Tórax: Mesonoto com extensa mancha castanha, mais clara nas margens, mais larga anteriormente e alcançando o escutelo, os lados enegrecidos salvo adiante da raiz da asa onde existe pequena área ovalada de coloração amarelada; revestimento formado por pilosidade dourada, as cerdas do meio desta cor; as laterais castanhas. Escutelo enegrecido, os lados amarelados. Postnoto quase perpendicular, também enegrecido. Pleuras enegrecidas exceto no meio e no pronoto onde são amareladas; pronoto de tal maneira adelgado que aparece como estreita fita, o posterior com uma longa cerda além de outras bem menores; esternopleura com cerdas na margem posterior, demais escleritos glabros.

Pernas: Coxas enegrecidas, as anteriores e medianas revestidas de cerdas anteriormente, a posterior com um grupo de cerdas na base e duas no ápice. Trocânteres, fêmures e tíbias castanhos. As tíbias com cerdas curtas, não sobrepassando em comprimento o diâmetro dessa região, a pilosidade densa e irregularmente disposta. Esporões anteriores e medianos um longo e o outro muito pequeno e curto, os posteriores grandes e longos, o externo pouco mais curto que o interno. Tarsos castanhos.

Asa densamente revestida de macrotríquias salvo na base. Meio da asa pouco mais escuro, o restante hialino. Nervura costal sobrepassando R. 1. R. 4 da metade do comprimento de R. 5 e em diagonal; r.-m. curta; peciolo de M. pouco mais longo que os respectivos ramos e fraco. Nervura m.-cu. em

diagonal; An. muito fraca mas alcançando a margem da asa. Balancim com a haste amarelada na base, o restante castanho-escuro; capítulo amarelado.

Abdômen alongado, enegrecido salvo largas faixas basais amareladas nos tergitos III a VIII.

Genitália (fig. 5): De coloração castanho-escura. Basistilo com os lobos fundidos, pouco mais longos que largos supero-internamente com uma longa protuberância terminada em longuíssima cerda. Dististilo mais de três vezes o comprimento do basistilo, muito largo na base, o ápice terminado em bico adunco; a margem externa com cerdas; a interna modificada em uma lâmina enegrecida e serrilhada externamente, tal lâmina é mais grossa na base e quase alcança o ápice. Mesosoma (fig. 7) mais longo que largo, pouco esclerotizado e com estruturas medianas. Nono tergito (fig. 6) pouco mais curto que o basistilo, digitiforme e cerdoso.

Fêmea — Desconhecida.

Tipo — Holótipo macho; registrado sob o n.º 7.440 na coleção do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo.

Localidade tipo — Brasil, Estado de S. Paulo, Município de Salesópolis, Borácea, VIII.1947 (Rabello, Travassos F.º & J. Lane col.).

O nome desta espécie é dado em homenagem ao criador do gênero.

SCIOPHILINAE

Eudicrana elegans n. sp.

(Figs. 8-10)

Comprimento do corpo 5 mm.; asa 4,2 mm.

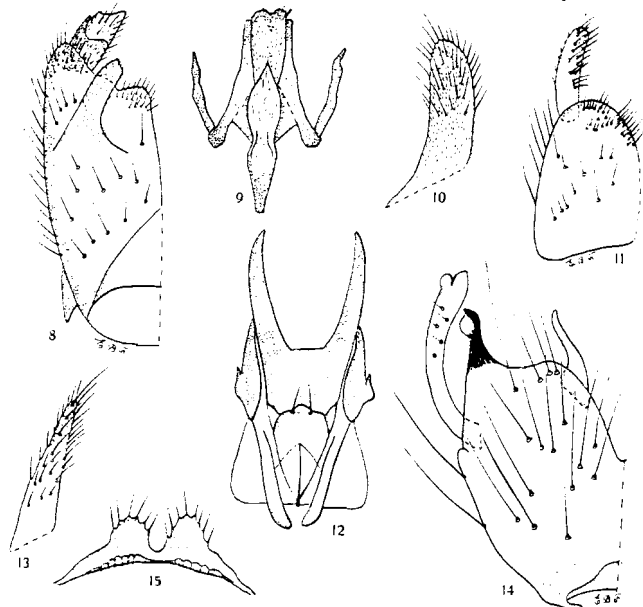
Macho — Cabeça: Clípeo enegrecido, densamente revestido de longa pilosidade dessa cor. Partes bucais reduzidas. Palpo enegrecido, os segmentos alongados. Olhos arredondados, emarginados, pilosos. Ocelos discretos. Antena mais de duas vezes o comprimento do tórax; escapo e toro castanhos; flagelo com a base do primeiro segmento castanha, o restante enegrecido; o primeiro segmento pouco mais longo que os outros que são sub-iguais, todos revestidos de densa pilosidade esbranquiçada. Occipício enegrecido-brilhante, com pilosidade dessa cor.

Tórax: Mesonoto castanho-enegrecido, revestido de longas cerdas laterais pretas, o resto do disco com densa e longa pilosidade castanha. Escutelo da cor do mesonoto, com algumas cerdas marginais longas, o resto revestido de pilosidade. Postnoto perpendicular, também castanho-enegrecido, revestido de cerdas posteriormente. Pleuras castanho-enegrecidas; pronoto e pteropleura revestidos de cerdosidade, o restante glabro.

Pernas: Coxas amareladas, o ápice da mediana e da posterior enegrecidos. Trocânteres mais escuros. Fêmures amarelados, os ápices mais escuros. Tíbias e tarsos escuros. Tibia anterior com um esporão, a mediana e a posterior com dois sendo que na posterior são eles desiguais. Tibia anterior com 2 cerdas dorsais; a mediana levemente engrossada na parte basal e com, apro-

simadamente 1 cerdas dorsais, 7 externas e 14 internas. Tibia posterior com 18 cerdas dorsais e 8 externas.

Asa enfusçada, homogênea revestida de macrotriquias longas. Nervura sub-costal alcançando a costa quase no meio da asa. Nervura M.1 livre na base, a anal reta e não alcançando o ápice. Balancim com a haste amarelada até o meio, a porção apical bem como o capitulo enegrecidos.



Eudicrana elegans n. sp. — Fig. 8: Basistilo e dististilo; fig. 9: mesosoma; fig. 10: nono tergito. *Eudicrana splendens* n. sp. — Fig. 11: Basistilo e dististilo; fig. 12: mesosoma; fig. 13: nono tergito. *Clusona basipennis* Edwards, 1940, alótipo — Fig. 14: Basistilo e dististilo; fig. 15: nono tergito.

Abdômen mais de três vezes o comprimento do tórax, enegrecido-brilhante e revestido de pilosidade grosseira dessa cor.

Genitalia: Basistilo com os lobos fundidos, a porção apical com protuberância digitiforme e uma expansão esclerotizada (fig. 8). Dististilo curto, em forma de placa espiculosa. Mesosoma (fig. 9) com dois filamentos esclerotizados e curtos. Nono tergito (fig. 10) com os lobos longos, grossos, desenvolvidos e cerdosos.

Fêmea — Desconhecida.

Tipo — Holótipo macho: registrado sob o n.º 7.105 na coleção do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo.

Localidade tipo — Brasil, Estado de S. Paulo, Município de Salesópolis, XI.1917 (Uravassos F. & Rabello col.).

Eudicrana splendens n. sp.

(Figs. 11-13)

Comprimento do corpo 5 mm.; asa 4,2 mm.

Macho — Cabeça: Fronte e clipeo castanhos, revestidos de longos pêlos esbranquiçados. Antena com uma e meia vezes o comprimento do tórax; toro e escapo amarelo-claros, revestidos de cerdasidade enegrecida: primeiro segmento flagelar com o terço basal amarelo-claro, o restante bem como os demais segmentos enegrecidos: primeiro segmento com duas vezes o comprimento do segundo, segundo ao oitavo sub-iguais, do nono em diante progressivamente mais longos, o último acuminado no ápice. Occipício castanho-enegrecido, os ocelos avermelhados, desenvolvidos e adjacentes aos olhos que são redondos, pilosos e emarginados. Palpo castanho com os quatro segmentos moderadamente longos.

Tórax: Mesonoto castanho-enegrecido brilhante, um pouco mais claro anteriormente: revestido de longas cerdas enegrecidas nos lados e pilosidade dessa cor no resto do disco. Escutelo castanho, com algumas cerdas mais longas na margem além de pilosidade que reveste o resto dessa estrutura. Postnoto perpendicular, castanho-claro, com pilosidade e longas cerdas posteriores. Pleuras castanhas. Pronoto e pteropleurito com cerdas, o restante glabro; hipopleurito enegrecido.

Pernas delgadas e alongadas. Coxas amarelo-esbranquiçadas salvo no ápice, principalmente da posterior onde são enegrecidas. Trocânteres enegrecidos. Fêmur anterior e mediano amarelados, o posterior enegrecido no terço basal e sexto apical. Tibias e tarsos escuros. Tibia anterior com 5 cerdas dorsais 2 ou 3 externas, a mediana com 6 dorsais, 8 externas, 5 internas e 17 ventrais. Tibia posterior com 6 cerdas dorsais, 17 externas, 9 internas e 2 ventrais. Tibia anterior com um esporão, a mediana e a posterior com dois sendo os da posterior do mesmo tamanho.

Asa alongada, delgada, homogênea e densamente revestida de longas macrotriquias. Nervura sub-costal alcançando a costa bem aquém do meio, a segunda forquilha da asa bem aquém da primeira, as células delgadas e acuminadas, a nervura anal distinta mas não alcançando a margem da asa. Balancim com a haste amarelada mas gradualmente mais escura para a ponta, o capitulo enegrecido.

Abdômen cerca de quatro vezes o comprimento do tórax, enegrecido-brilhante com largos anéis basais amarelo-esbranquiçados nos tergitos II a VI.

Genitalia enegrecida. Basistilo com os lobos fundidos, a porção apical densamente revestida de cerdas diferenciadas que se implantam em estruturas discretas (fig. 11). Dististilo digitiforme, cerca de dois terços do comprimento do basistilo e com cerdas diferenciadas internamente. Mesosoma (fig. 12) sub-triangular e com dois filamentos muito longos, fortemente esclerotizados, grossos, pontegudos e alcançando o ápice do dististilo. Nono tergito (fig. 13) alongado, delgado e provido de longa cerdasidade.

Fêmea — Desconhecida.

Tipos — Holótipo macho; parátipo um macho; registrados sob os ns. 7.402 e 7.403 na coleção do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo.

Localidade tipo — Brasil, Estado de São Paulo, Município de Salesópolis, Boracéia, XI.1947 (Rabello & Travassos F.^o col.); parátipo do Estado do Rio de Janeiro, Itatiaia VIII.1946 (M. P. Barretto col.).

Cluzobra fascipennis Edwards, 1940

(Figs 14-15)

Escolhemos para alótipo desta espécie um macho proveniente do Estado de Goiás, Corumbá, XI.1945 (M. P. Barretto col.). Tal exemplar apresenta apreciáveis diferenças da fêmea e que são mencionadas abaixo.

Macho — Cabeça com o clipeo e partes bucais enegrecidas. Antena esbranquiçada salvo no ápice dos segmentos onde é enegrecida. Tórax com o mesonoto indistintamente marcado. Asa com as marcações bem mais apagadas que na fêmea.

Genitália: Basistilo cerca de duas vezes a maior largura, possuindo em cada um dos ângulos superiores uma protuberância alongada, a externa fortemente esclerotizada, tendo na ponta duas saliências voltadas para fora (fig. 14). Dististilo implauado abaixo do ápice do basistilo, delgado, encurvado, expandido e sub-dividido no ápice, a margem distal provida de espículas. Demais estruturas impossíveis de descrever.

Tipo — Alótipo macho; registrado sob o n.^o 7.397 na coleção do Departamento de Parasitologia da Faculdade de Higiene da Universidade de São Paulo.

Proveniência do material estudado — Brasil, Estado de Goiás, Corumbá, XI.1945 (M. P. Barretto col.).

Cluzobra plaumanni Edwards, 1940

Proveniência do material estudado — Um macho do Estado de S. Paulo, Município de Salesópolis, Boracéia, XI.1947 (Rabello, Travassos & J. Lane col.).

Leptomorphus fasciculatus Edwards, 1933

Proveniência do material estudado — Três machos. Dois do Estado de Mato Grosso, Maracajú, VII.1937 (R. C. Shannon col.), e um do Estado de S. Paulo, Porto Cabral, IV.1941 (Travassos F.^o, Carrera & Dente col.).

SUMMARY

In the above paper four species are described as new, they are *Manota palpalis*, *Nereijuncta marshalli*, *Eudicrana elegans* and *splendens*. The occurrence of *Rhipidita fusca*, *Cluzobra fascipennis* and *Leptomorphus fasciculatus* in Southern Brazil is given. The allotype of *Cluzobra fascipennis* is selected.